

JRC - 05.05.68

J R
ANO MÊS DA
6°/105/05
CAB. PAG.
1° 128

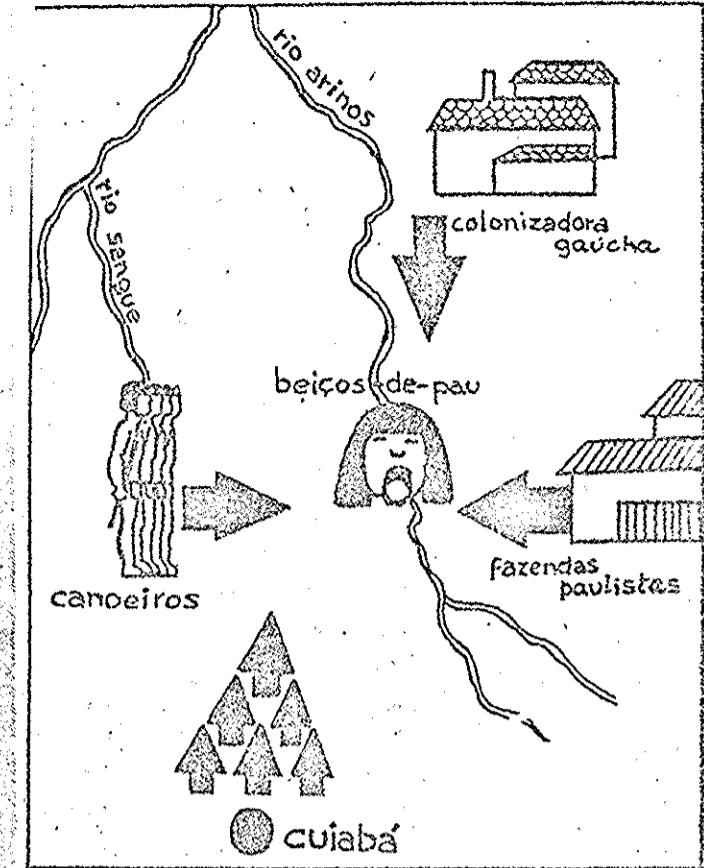
00187

SOBREVIVENTES DE VÁRIOS MASSACRES



Os crimes cometidos contra os índios, nos últimos anos, já ocupam 21 volumes de 5115 páginas. Dos restantes, muitos estão condenados à morte. Os beixós-de-pau estão cercados por colonizadoras e tribos inimigas.

ITEM SAÍDA



Todos os meios foram lícitos para liquidar índios

Departamento de Pesquisa

— Nunca vi tanta corrupção na minha vida!

Esta exclamação do Ministro do Interior, General Ataíde Albatroso Lobo, relata a magnitude da epidemia pulmônica do Brasil e os céus paros do mundo quando foram revelados os últimos vinte anos de massacres, assassinatos, escravidão, abusos e roubos sofridos pelos mais pobres no nosso País.

— Do resto, só estou, da prisão no momento, do mesmo as torturas inauditas, passadas pelo Inocência, pelos réus de recompensas e taxas sexuais, para todos os crimes, contra a indumentária pública. Tudo se cometeu contra a lei e contra a moral — afirmou o Presidente da Comissão de Inquérito, Procurador Jader de Figueiredo Correia.

A devassa

Para chegar a essas conclusões, os membros da Comissão de Inquérito do Ministério do Interior viajaram 68 dias por 15 estados e 3 Territórios, percorrendo 10 mil quilômetros, interrogaram dezenas de testemunhas e apresentaram centenas de documentos. Durante as investigações, a Comissão afastou 200 servidores do extinto Serviço de Proteção aos Índios e indicou 134 outros, entre os quais dois ex-ministros de Estado, dois generais, um tenente-coronel e dois maiores. Décursos acusados, 17 foram presos administrativas e 23 foram dispensados a bem do serviço, embrenhando-se no mato.

Anteriormente, em 1961, uma Comissão Parlamentar de Inquérito instalada na Câmara Federal apurara, superficialmente, denúncias de padres salesianos sobre matanças de índios nos anos de 1932 e 1933, nas jurisdições das 1^a, 3^a e 6^a Inspetorias (a primeira no Amazonas e as duas últimas em Mato Grosso). Os resultados dessa CPI foram encaminhados ao Chefe da Casa Civil da Presidência da República em 1961, e fali encaminhados ao Ministério do Interior, onde foram transformados no inquérito administrativo nº 184-67.

Mais poderes para apurar

Esse primeiro inquérito administrativo constatou "a geral corrupção e a anarquia total imperante no Serviço de Proteção aos Índios em toda sua área, como, também, através dos tempos". Em consequência desse relatório, o Presidente da República envidou mensagem ao Congresso Nacional criando a Fundação Nacional do Índio, que absorveria o Serviço de Proteção aos Índios e o Parque Nacional do Xingu e o Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Aprovado pelo Congresso em meados de dois meses, foi sancionado em dezembro último pelo Presidente da República.

Mesmo enquanto o projeto que criava a Fundação tramitava no Congresso, a 3 de novembro do ano passado, o Ministério do Interior expôs a Portaria 239-67, instaurando uma segunda comissão de inquérito, com amplos poderes e sem limite de jurisdição, para "produzir prova testimonial e documental" dos fatos relatados pela primeira comissão e de outras denúncias que surgissem.

Os fatos e as provas

coube a essa Comissão, presidida pelo Procurador Jader de Figueiredo Correia, o levantamento mais completo, com " prova testimonial e documental" sobre os massacres de índios e as irregularidades no extinto Serviço de Proteção aos Índios.

As causas principais do quase extermínio das populações indígenas do Brasil, segundo a Comissão, são a aprovação de suas ricas terras minerais, madeira, plantações e gado) e uma política errada de integração na sociedade civilizada.

Entre os crimes cometidos contra os indígenas, o massacre dos Cintas-Largas, em 1965, no Paráclito II de Mato

Grosso, foi um dos mais revulsivos de que teve notícia o País.

Como foi

A chacina dos Cintas-Largas, conforme depoimentos gravados e testimônios em Cuiabá, na 6^a Inspetoria do ex-SPI, pelo Inspetor Ramis Bucar, foi ordenada por Antônio Maserenhas Junqueira, ex-chefe e Sub-chefe da Unidade Araguaia, filhos do ex-Prefeito de Cuiabá e ex-Presidente do Banco da Amazônia. A Unidade dos dois, juntamente com o mato e o Rio Arinos, foram mortos.

A história dessa matança só veio a público porque o pistoleiro Ataíde Pereira dos Santos, um dos homens do grupo de matadores, não recebeu os R\$ 500 prometidos pela empregada.

Assim, confessou que aqueles mataram o chefe das Cintas-Largas, com um tiro no rosto, e que os outros foram metralhados e retaliados a fogo por Francisco Luís, vigário Chico Luís, o chefe do bando, e pelos outros membros da expedição. Ataíde afirmou que viu Chico Luís matar uma criança com um tiro de 45 na testa e depois pendurar petos pés à mãe da criança, a uma arvores e retaliar a facão, quase de um só golpe, o seu corpo. Em seguida, atiraram logo a todos os malocas e jogaram os corpos dos índios mortos no Rio Arinos. Nenhum índio teve tempo de usar suas armas ferro e flecha e só dois ou três conseguiram escapar, embrenhando-se no mato.

Formas de exterminio

Além dos massacres, por pistoleiros profissionais contratados, os fazendeiros, sertanejos e funcionários do extinto SPI usavam as seguintes formas para dizimar as tribos indias: privação de milhos de subsistência, expulsão dos índios de suas terras e introdução sistemática e em escala sempre crescente de vírus e doenças.

Disse o Presidente da Comissão de Inquérito que na 7^a Inspetoria, no Paraná, para torturas aos índios, enfiam estacas de massa-pé no terreno, formando um angulo agudo, e trituravam o ócio do prisioneiro.

O trabalho escravo tornou-se rotina, inclusive com a participação de mulheres e funcionários. Uma delas obriou um Cinta-Larga, em Mato Grosso, a passar a noite numa estufa entupida de excrementos, escorregendo no espaço de um metro quadrado. Em Novo Rio Grande do Sul, dias antes da chegada da Comissão, o chefe do posto construiu no local uma cadeia para os índios. A prisão, para os agentes menos cruéis, representa um estágio superior. Num enfermaria, construída especialmente para a visita da Comissão, surpreenderam uma índia enferma dormindo com um cão doente, um porco e oito kitites, todos abrigados num espaço estreito.

As tribos mais afetadas nos últimos vinte anos foram as seguintes: Mundurucus; eram 19.000 há 20 anos e hoje são 1.200; Nhambiquaras; eram 10.000 e agora são 1.000, a maioria doentes; Caiapós; de 4.000 passaram a ser 600; Xerentes; eram 300 e hoje são 200;

Caxiá Branco contra os fazendeiros que queriam tomar suas terras.

Os índios Guarás, de Japurá, no Pará, foram totalmente dizimados pela tuberculose. Os Guerins, do grande Cataguases, eram 300 em 1952. Hoje, assim 110. 23, os quais são portadores de tuberculose pulmonar. O Chefe da Divisão de Tibagiçó, o Secretário de Saúde do Paraná, Ernani Mota, disse que a tuberculose foi transmitida aos índios por civilizados.

Os Patxacos, na Bahia, foram mortos mediante a inoculação de vírus de varíola.

A ultima grande matança em Goiás ocorreu em 1941: os índios Saterés, ricos territórios do Município de Pedro Afonso, atacaram a tribo dos Cintas e mataram 160 índios. Foram presos e condenados a vários anos de cadeia.

O padre Valentim Weiler, Provedor do Missão Aracébita, no norte de Mato Grosso, declarou que as tribos do centro norte-mato-grossense estão sendo dizimadas, "pelos bairros dos seringueiros e pelas aranhas".

O astor adventista Wesley Blevens, que vive há dois anos em Campo Grande, Mato Grosso, afirmou que "os sertanejos e fazendeiros, estão fazendo o que os índios mais nova de todas. O pão não tem culpa. É um homem de 60 anos, que se criou entre os tuius e realmente organizou o aldeamento de Belém. E certo que explorava os índios, mas em compensação ensinava-lhes muita coisa e supria a comunidade de gêneros alimentícios em troca de produtos regionais. O rapaz, Leandro, impulsionou o terror na aldeia. Anos atrás ele fôr expulso do Exército por ter violado quatro meninas da fronteira. Pai e filho estô, agora, presos no quartel de Tabatinga, para serem processados pela Comissão de Repressão ao Tráfico de Pessoas.

Números da matança

As tribos mais afetadas nos últimos vinte anos foram as seguintes: Mundurucus; eram 19.000 há 20 anos e hoje são 1.200; Nhambiquaras; eram 10.000 e agora são 1.000, a maioria doentes; Caiapós; de 4.000 passaram a ser 600; Xerentes; eram 300 e hoje são 200;

NOVA GERAÇÃO



A doença completa o exterminio

Em Beira do Corrêa, Maranhão, os Caielas da grande nação Timbiras, sofreram massacre pelo pistoleiro Miguel Verissimo e 150 homens. O chefe da tribo, Pedro Gregório, foi a Brasília e pediu providências ao então Presidente

Giacus ou Cintas-Largas; de 10.000 são apenas 400 que morrem na Serra de Bodopéia, longe de suas verdadeiras terras.

O Comandante da Colônia Militar de Tabatinga, Amazonas, Major José Luis Teles dos Santos, declarou em março de 1966 que os índios Ticunas eram torturados no vilarejo de Belém, na foz do Rio Tacuru, acrescentando que ele próprio esteve no local e comprovou a veracidade do fato.

— O que mais me revoltou — disse o Major Luís dos Santos — foram os depoimentos das jovens índias, vizinhas pelo clima do proprietário do vilarejo. O ritual de eleição da virgem era precedido de uma festa em que a eleita era estuprada em quantidades, a tal ponto que os índios caíram no chão.

O padre Valentim Weiler, Provedor do Missão Aracébita, no norte de Mato Grosso, declarou que as tribos do centro norte-mato-grossense estão sendo dizimadas, "pelos bairros dos seringueiros e pelas aranhas".

Segundo os índios informaram à Comissão de Inquérito, quem mandava na aldeia era uma mulher, Juaci Batista, que ficou celebre pela frase que repetia a todo momento: "Remédio para doença de índio é cemitério". Uns mestres batikanes dão aos índios morrerem e outros fingem para evitar maus tratos nas casas construídas especialmente para aprisioná-los.

Segundo os índios informaram à Comissão de Inquérito, quem mandava na aldeia era uma mulher, Juaci Batista, que ficou celebre pela frase que repetia a todo momento: "Remédio para doença de índio é cemitério". Uns mestres batikanes dão aos índios morrerem e outros fingem para evitar maus tratos nas casas construídas especialmente para aprisioná-los.

Juaci Batista é a mesma mulher que, acompanhada de uma jovem índia, Tokero, vem realizando intensa campanha pela televisão carioca em favor dos índios, "contra os massacradores de nossos irmãos de sangue". A jovem índia que apresenta ao público, contou que sua mãe foi enforcada pelo funcionário do ex-SPI, Júlio de Oliveira.

Principais acusados

O principal acusado pela Comissão de Inquérito é o Major-Aviador Luís Vinhas Neves, diretor por quase dois anos do extinto SPI. O Procurador Jader de Figueiredo Correia acusou-o de cometer 42 delitos, sendo os mais importantes o assassinato e a sevizie de índios, a venda ilegal de terras e o desvio de um milhão de cruzados reais. Foi preso por 28 dias e depois libertado, por força de habeas-corpus.

Em seu relatório final, a Delegada Neiva da Costa, da Repressão ao Tráfico de Pessoas, informa ao então Diretor-Geral do Departamento Federal de Segurança Pública, Coronel Florim Campeão, que, em depoimento, o fazendeiro Jordão Alves de Almeida confessou que os índios eram seus trabalhadores e que, para mantê-los num regime disciplinar austero, formava uma polícia própria, composta pelos cabos Zé Cazuza, Icilio Lazari, Manuel Perfilho, Francisco das Chagas, Torturado Mendes, Nagib Dick e Raimundo Salustiano.

Disse mais que os índios, quando desobedeciam às ordens, eram apunhalados pela sua polícia e arrestandos em um poste de aço, existente na varanda de sua casa. O índio Verissimo, que denunciou as atrocidades, foi um deles. Passou sete dias sem comer e seu bebê, com as mãos e os pés avançados, sufocando em pele suja suas necessidades fisiológicas. Seu corpo ficou todo pleido por mosquitos estuprados. Depois da denúncia ao Comandante da 7^a Cia. de Fronteiras, Verissimo retornou ao vilarejo e foi espancado com chibata de couro de peixe-boi, entregando as costas para que não atingissem sua filha de poucos anos que trazia nos braços. Ameaçado de morte, fugiu de Belém.

Apenas 10 índios depuseram, confirmando as denúncias de Verissimo. A maioria das tuius mostrou-se com medo de represálias.

A índia Lila Jacamim de 13 anos, disse ter sido violentada por um parente de Jordão Alves de Almeida, o que lhe provocou um aborto. Ela acredita que o violador compra a promessa de casar-se com ela. Outra índia, Aladice Dick, tem uma filha pequena, Janete, do mesmo parente de Jordão.

Para meter os índios na fazenda, sob trabalho escravo, além da polícia particular, os Alves de Almeida instituíram o sistema de fornecimento: pagavam a índios como Verissimo R\$ 60 e lhes vendiam um pedaço de sa-

ba por R\$ 3,00, o que os deixava sempre com pressa e no lado, por não terem pago suas dívidas.

Jordão e seu filho Leandro estão sendo processados apenas pelos crimes de agressão e seqüestro.

Devastação no Sul

No Rio Grande do Sul no Município de Caxias-Dobrada, a 78 quilômetros da Cidade de Lages Vermeia, 360 mil habitantes, foram devastados nos últimos vinte anos. A terra é habitada por remanescentes dos Guarani e Karasiques. São só 23 Guarani e 207 Karasiques. Hoje, na reserva florestal, dos 300 mil primeiros não há mais, excepto para construir casas para os índios que sobreviveram. Bento Manuel Almeida, atual chefe dos Karasiques recorda que muitos índios morreram e outros fizeram para evitar maus tratos nas casas construídas especialmente para aprisioná-los.

Segundo os índios informaram à Comissão de Inquérito, quem mandava na aldeia era uma mulher, Juaci Batista, que ficou celebre pela frase que repetia a todo momento: "Remédio para doença de índio é cemitério". Uns mestres batikanes dão aos índios morrerem e outros fingem para evitar maus tratos nas casas construídas especialmente para aprisioná-los.

Segundo os índios informaram à Comissão de Inquérito, quem mandava na aldeia era uma mulher, Juaci Batista, que ficou celebre pela frase que repetia a todo momento: "Remédio para doença de índio é cemitério". Uns mestres batikanes dão aos índios morrerem e outros fingem para evitar maus tratos nas casas construídas especialmente para aprisioná-los.

O principal acusado pela Comissão de Inquérito é o Major-Aviador Luís Vinhas Neves, diretor por quase dois anos do extinto SPI. O Procurador Jader de Figueiredo Correia acusou-o de cometer 42 delitos, sendo os mais importantes o assassinato e a sevizie de índios, a venda ilegal de terras e o desvio de um milhão de cruzados reais. Foi preso por 28 dias e depois libertado, por força de habeas-corpus.

O coronel Luís Vinhas Neves, apesar disso, credita que o ex-SPI comprou imóveis em quantidade reposta som com explicar de onde provinham os recursos.

O relatório da Comissão tem 5115 páginas, em 21 volumes que pesam 48 quilos. Não é completo porque os inquéritos anteriores desapareceram no misterioso incêndio ocorrido no ano passado no Edifício 8 da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, local onde se encontravam os arquivos do ex-SPI.

O Procurador Jader de Figueiredo Correia, apesar disso, credita que o ex-SPI comprou imóveis em quantidade reposta som com explicar de onde provinham os recursos.

Caminho dos semivivos

O JORNAL DO BRASIL, em junho de 1966, numa série de 6 reportagens — No Caminho dos Semivivos — alertava as autoridades sobre o assunto, apontando o exterminio da população indígena pelos fazendeiros, latifundiários e comerciantes, que, sem escrúpulos, buscavam a posse das terras dos índios que lhes era garantida por lei especial. Outros jornais, e até mesmo organismos oficiais, denunciavam as irregularidades existentes no Serviço de Proteção aos Índios, criado pelo Marechal Getúlio em 1930 e que, antes de morrer, já não exercitava na política adotada pelo SPI. Os presentes levados pelos pioneiros só serviam para iludir o índio que, enquanto recebia alguma sal, facas, fumo e bebidas, tinham suas terras invadidas por gananciosos.

00189